IDENTIDADE: AMADOS POR DEUS!

1. Texto

[21]Todo o povo tinha sido batizado; tendo Jesus sido batizado também, e estando em oração, o Céu rasgou-se [22]e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea, como uma pomba. E do Céu veio uma voz: «Tu és o meu Filho muito amado; em ti pus todo o meu agrado.» (Lc 3, 21-22)

2. Meditação

Acabamos de escutar o relato do batismo de Jesus, nas margens do Jordão, por João Baptista. Mistério de grande importância, porque assinala o início da missão de Jesus. No início da sua vida pública, está a experiência de ser amado por Deus: "Tu és o meu filho muito amado."

Apesar do Batismo cristão, que é uma imersão no mistério pascal de Cristo, ter um significado diferente do batismo de penitência que João administrava, é-nos de grande utilidade ver os acontecimentos que acompanharam o batismo de Jesus para compreendermos melhor o batismo cristão.

Segundo o evangelista Lucas, quando Jesus foi batizado "o Céu rasgou-se e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea, como uma pomba. E do Céu veio uma voz: 'Tu és o meu Filho muito amado; em ti pus todo o meu agrado'.

Os céus abertos revelam a união entre o céu e a terra e indicam que Jesus vai reconciliar a humanidade com Deus. "A sua [de Jesus] comunhão de vontade com o Pai, o seu cumprimento de 'toda a justiça' abre o céu, que, por natureza, é o lugar onde se cumpre perfeitamente a vontade do Pai" (Ratzinger).

A pomba, símbolo do Espírito Santo, faz referência ao Espírito de Deus que pairava sobre as águas primordiais da criação (Cf. Gn 1, 2). Em Jesus, com as suas palavras e obras, inicia-se uma nova criação.

A voz vinda dos céus era um recurso utilizado pelos mestres para mostrar a opinião de Deus sobre um acontecimento ou sobre uma pessoa. Esta voz vinda do céu, vinda de Deus, é a proclamação da missão de Cristo. No entanto, tal proclamação "não anuncia um fazer mas o seu ser: ele é o filho muito amado no qual repousa a complacência de Deus" (Ratzinger).

Gosto de pensar que os três acontecimentos que acompanharam o Batismo de Jesus voltam a repetir-se em cada batismo.

Sempre que alguém é batizado, os céus voltam-se a abrir, estabelece-se uma nova relação entre Deus e o ser humano. Pelo batismo, o ser humano é purificado da mancha original e entra numa relação de comunhão com Deus. "Pelo Batismo *todos os pecados* são perdoados: o pecado original e todos os pecados pessoais, bem como todas as penas devidas ao pecado. Com efeito, naqueles que foram regenerados, nada resta que os possa impedir de entrar no Reino de Deus: nem o pecado de Adão, nem o pecado pessoal, nem as consequências do pecado, das quais a mais grave é a separação de Deus." (Catecismo da Igreja Católica, 1263)

Sempre que alguém é batizado, o Espírito volta a descer e vem habitar no ser humano. Pelo batismo tornamo-nos templos do Espírito Santo.

Sempre que alguém é batizado, volta-se a ouvir a voz de Deus: "Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência". Pelo batismo tornamo-nos filhos de Deus.

Na verdade, o "Batismo não somente purifica de todos os pecados, como faz também do neófito 'uma nova criatura', um filho adotivo de Deus, tornado «participante da natureza divina», membro de Cristo e co-herdeiro com Ele, templo do Espírito Santo." (Catecismo da Igreja Católica, 1265)

Assim sendo, se o ministério de Jesus, se a sua vida pública começou com esta experiência forte do amor de Deus, também nós, que fomos batizados, devemos começar exatamente aqui: a experiência de sermos amados por Deus. É esta a nossa identidade mais profunda e o nosso

maior titulo de glória: somos filhos muito amados de Deus. "'Tu és o meu Filho muito amado.' Nestas palavras reside um dos corações pulsantes do Evangelho. Aqui surge o nome do homem: filho amado para sempre. [...] Deus ama-me como amou Jesus de Nazaré, com a mesma intensidade, com a mesma totalidade, e ademais com todas as desilusões que eu sou causa." (Ermes Ronchi)

No entanto, com relativa frequência esquecemo-nos desta verdade fundamental. Ao considerarmos a fé cristã, pensamos que ela se refere mais ao que nós fazemos por Deus do que aquilo que Deus faz por nós. No entanto, como nos recorda um Michael Paul Gallagher, sj, "é nisso que consiste a fé, um sim a um sim, um sim humano de reconhecimento dito a um sim divino de amor: a fé é a visão que surge do facto de se ser amado."

Na nossa linguagem comum, quando dizemos que alguém nos ama pensamos logo no que essa pessoa fez ou nos disse e nos deixou encantados. Infelizmente, isto não acontece quando falamos do amor de Deus. Quando pensamos no amor de Deus pensamos mais no que devemos fazer e não no que ele fez/faz por nós. Contudo, "antes de tu agires, antes de qualquer mérito teu, em cada dia, ao despertares, o teu nome para Deus é 'amado'. Amor imerecido, amor que antecipa, amor sem motivo. Nós, muitas vezes, temos preconceitos negativos sobre as pessoas: o preconceito de Deus sobre nós é amor." (Ermes Ronchi)

O nosso amor a Deus não é uma causa do seu amor por nós, mas uma consequência. "Deus não nos ama porque somos bons e bonitos; Deus torna-nos bons e belos porque nos ama" (Lutero). No entanto, o que significa dizer que Deus nos ama? "Quer dizer duas coisas: que está sempre perto de nós, mesmo invisivelmente, e que nos dá a graça suficiente para podermos viver bem qualquer situação que a vida nos traga."

Segundo o P. Nuno Tovar de Lemos, sj, dizer que Deus nos ama implica três coisas: Deus gosta de mim, Deus cria-me e Deus confia em mim.

a. Deus gosta de mim

O amor de Deus por mim tem um lado afetivo. Assim como nós quando amamos alguém somos capazes de mudar os nossos planos para estramos com a pessoa amada, assim Deus, porque nos ama, foi capaz de dar a sua vida por cada um de nós. Deus não nos ama apesar dos nossos pecados mas no meio dos nossos pecados. "De facto, quando ainda éramos fracos é que Cristo morreu pelos ímpios. Dificilmente alguém morrerá por um justo; por uma pessoa boa talvez alguém se atreva a morrer. Mas é assim que Deus demonstra o seu amor para connosco: quando ainda éramos pecadores é que Cristo morreu por nós." (Rm 5, 6-8)

b. Deus cria-me

Não me criou num passado distante, mas anda-me a criar no meu presente. Assim como os pais oferecem a seus filhos oportunidades de crescimento para desenvolverem as suas aptidões assim Deus anda-nos a criar, oferecendo-nos oportunidades de crescimento, circunstâncias essas que podem ser luminosas ou tenebrosas. Não só crescemos com os momentos bons, mas também crescemos com os momentos duros. As dificuldades ultrapassadas são capacidades adquiridas. Nesta linha, o padre e poeta português Tolentino Mendonça, falando da importância de agradecer o que não nos foi dado, afirma "podemos olhar o que não nos foi dado como a oportunidade, ainda que misteriosa, ainda que ao inverso, para entabular um caminho de aprofundamento... e de ressurreição."

A quarta palavra de Jesus na Cruz é traduzida frequentemente da seguinte maneira: "Meu Deus, Meu Deus, porquê me abandonastes?". No entanto, para o teólogo Bruno Forte a tradução mais adequada seria "para quê?", com que finalidade me abandonaste? Na verdade, no grego bíblico, a expressão em questão pode introduzir quer uma oração causal quer uma oração final, ou seja, pode perguntar o motivo ou a finalidade. Esta não é uma questão linguística de lana-caprina. Com efeito, representa as duas atitudes possíveis ante um problema: ficar na lamentação estéril

ou ver como se pode crescer. “Ficar a ver de quem é a culpa não é a maneira correta de abordar o problema do mal. A maneira correta é antes perguntar: ‘isto pode ser uma ocasião para quê?’ as coisas não são porquê, são para quê. Não quer dizer que não sejam importantes os porquês, mas ganhamos pouco se ficarmos só pela pergunta ‘porquê’.” (Vasco Pinto de Magalhães) Urge converter não só a linguagem, mas acima de tudo a atitude. É imperioso passar da lamentação ao crescimento. “Temos de aprender a passar da pergunta ‘Porquê a mim?’ para a pergunta ‘Que posso tirar disto? Qual é a graça escondida que vem a acompanhar esta situação?”. (Nuno Tovar de Lemos)

c. Deus confia em mim

Porque nos ama, Deus conhece-nos, sabe todas as nossas potencialidades e inspira confiança. Com Deus somos o melhor de nós mesmos, somos aquilo que nunca seriamos. O amor de Deus nunca traz consigo o medo, mas a coragem de arriscar. “Aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor.” (1 Jo 4, 8) São Paulo, no hino da Caridade (1 Cor 13), afirma que o “amor tudo crê” e o Papa Francisco, na Exortação Apostólica ‘A alegria do Amor’, comentando esta característica, afirma o seguinte: “O amor confia, deixa em liberdade, renuncia a controlar tudo, a possuir, a dominar. Esta liberdade, que possibilita espaços de autonomia, abertura ao mundo e novas experiências, consente que a relação se enriqueça e não se transforme numa endogamia sem horizontes.” (115) Sentir-nos amados por Deus, dá-nos a coragem de arriscar e tentar ser melhor.

Que Deus nos ama é uma verdade inquestionável. Mas, como podemos hoje sentir o amor de Deus nas nossas vidas? O amor de Deus manifesta-se na nossa vida através de várias mediações. Deus não se revela no extraordinário, mas no ordinário, tornando o nosso quotidiano extraordinário. Deus chega até nós através das pessoas que se cruzam connosco, da Sagrada Escritura, dos acontecimentos felizes e absurdos, da hospitalidade, dos sacramentos, da comunidade, dos momentos de oração, ...

No entanto, como posso reconhecer esse amor de Deus por mim? Segundo a intuição de Santo Inácio de Loiola, a presença e o amor de Deus faz-se reconhecer pelo fruto que produz: a consolação.

“Chamo consolação, quando na alma se produz alguma moção interior, com a qual vem a alma a inflamar-se no amor de seu Criador e Senhor; e quando, consequentemente, nenhuma coisa criada sobre a face da terra pode amar em si mesma, a não ser no Criador de todas elas. E também, quando derrama lágrimas que a movem a ao amor do seu Senhor, quer seja pela dor se seus pecados ou da Paixão de Cristo nosso Senhor, quer por outras coisas diretamente ordenadas a seu serviço e louvor. Finalmente, chamo consolação a todo o aumento de esperança, fé e caridade e toda a alegria interior que chama e atrai às coisas celestiais e à salvação de sua própria alma, aquietando-a e pacificando-a em seu Criador e Senhor.” (Exercícios Espirituais, 316)

A presença de Deus na nossa vida não se mede por um sentimentalismo estéril, mas pelos frutos que produz, pelo crescimento nas virtudes de teologais da fé, esperança e caridade. O que é que te ajudou a crescer na fé, esperança e caridade? Foi por aí que Deus passou na tua vida.

Concluo, esta primeira meditação, com as palavras do Padre Nuno Tovar de Lemos: “A nossa vida cristã começa na consciência da sorte que temos por sermos assim amados por um Pai que Se ocupa pessoalmente de cada um de nós. É daqui, desta consciência, que nasce tudo o que nós possamos fazer de bom por Deus, pelos outros e pela nossa salvação.”

3. Exercícios

a. Em que momentos do teu passado se rasgaram os céus e tu sentiste ou tiveste consciência do amor de Deus por ti? Recorda três momentos concretos e de que forma experimentaste esse amor.

b. Imagina e escreve uma de Deus para ti como Pai, contando como te tem criado ao longo dos anos, mesmo naquelas fases em que parecia ausente.

c. Nesta fase da vida, como é que Deus te anda a criar? Lê os acontecimentos recentes da tua vida sob esta perspetiva.

4. Oração

O mais importante não é...
Eu procurar-Te,
mas sim que Tu me procuras por todos os caminhos (Gen 3,9);
Eu chamar-Te pelo Teu nome,
mas sim que Tu tens o meu nome marcado na palma da Tua mão (Is 49,16);
Eu gritar-Te quando nem palavras tenho,
mas sim que Tu entras suavemente em mim com o Teu grito (Rom 8,26);
Eu ter projetos para Ti,
mas sim que Tu me convidas a caminhar contigo em direção ao futuro (Mc 1,17);
Eu compreender-Te,
mas sim que Tu me compreendes até ao meu último segredo (1Cor 13,12);
Eu falar de Ti com sabedoria,
mas sim que Tu vives em mim e Te exprimes à Tua maneira (2Cor 4,10);
Eu guardar-te na minha caixa de segurança, mas sim que eu sou como uma esponja no fundo do Teu oceano (EE 335);
Eu amar-Te com todo o meu coração e com todas as minhas forças,
mas sim que Tu me amas com todo o Teu coração e com Todas as Tuas forças (Jo 13,1);
Eu consolar-me e planificar,
mas sim que o Teu fogo arde dentro dos meus ossos (Jer 20,9);
Porque, como é que eu seria capaz de procurar-Te, chamar-Te, amar-Te...
se Tu não me procurasses, chamasses e me amasses primeiro?
O silêncio agradecido é a minha última palavra e a melhor maneira de estar para Te encontrar.
Benjamin Gonzalez Buelta, sj